A PRÁTICA CARTOGRÁFICA: NÃO HÁ CAMINHO, O CAMINHO SE FAZ AO ANDAR

Clarice Gomes de Almeida [1]

Dulce Mari da Silva Voss [2]

Resumo:

O trabalho apresenta um relato de experiência de uma prática cartográfica desenvolvida numa pesquisa em andamento para elaboração de uma dissertação de mestrado cujo espaço de intervenção é o Assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra (RS). Partindo dessa experimentação afirma-se a potencialidade da metodologia cartográfica nas pesquisas em educação. Ao contrário dos métodos tradicionais que reafirmam a dicotomia objetividade/subjetividade e uma suposta neutralidade do pesquisador, a cartografia caracteriza-se pela intervenção no campo pesquisado e pelo modo processual como se desenha o percurso investigativo. Nas metodologias tradicionais defende-se o distanciamento entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado e a precisão de um percurso investigativo delineado a priori. Na cartografia entende-se que esses processos acontecem de modo complexo e múltiplo.A cartografia, pelo contrário, provoca uma reversão metodológica, pois o percurso de investigação constitui-se na própria ação de intervenção do pesquisador que produz os territórios de forma múltipla e aberta às contingências da experimentação na qual ele é um dos personagens que compõe as paisagens criadas nesse percurso, ou seja, não há caminho, o caminho se faz ao andar. Logo, o pesquisador não coleta dados, mas os produz na interação com os demais sujeitos envolvidos na pesquisa, traçando territórios abertos na análise das relações entre o lugar e os sujeitos que o habitam. Palavras-chave: Cartografia. Pesquisa. Educação.

Palavras-chave: Cartografia. Pesquisa. Educação

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

A PRÁTICA CARTOGRÁFICA: NÃO HÁ CAMINHO, O CAMINHO SE FAZ AO ANDAR

[1] Aluno de pós-graduação. claric.almeida@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. dulce.voss@gmail.com. Orientador

A PRÁTICA CARTOGRÁFICA: NÃO HÁ CAMINHO, O CAMINHO SE FAZ AO ANDAR

1 INTRODUÇÃO

Nesse trabalho apresento a cartografia como metodologia que potencializa as pesquisas no campo da educação a partir das práticas de investigação experimentadas na elaboração de uma dissertação de mestrado cujo espaço de intervenção é o Assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra (RS).

Pratico a cartografia à medida que minha ação de intervenção enquanto pesquisadora possibilita experimentar a produção de dados, constituindo os territórios da pesquisa no decorrer do processo investigativo.

Traçando um território aberto na análise das relações entre o lugar e os sujeitos que o habitam, na cartografia entende-se que esses processos acontecem de modo complexo e múltiplo, pois:

> [...] a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogenética: plano de diferenças e plano de diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.10)

Portanto, a potencialidade da cartografia no campo da pesquisa em educação se constitui diante da possibilidade de subverter as metodologias tradicionais nas quais a pesquisa representa a definição de um caminho pré-determinado pelos objetivos dados de forma antecipada à inserção do pesquisador no campo empírico. Nessa perspectiva defende-se o distanciamento entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado e a precisão de um percurso investigativo delineado metodicamente. A cartografia, pelo contrário, provoca uma reversão metodológica, pois o percurso de investigação constitui-se na própria ação de intervenção do pesquisador que produz os territórios de forma múltipla e aberta às contingências da experimentação na qual ele é um dos personagens que compõe as paisagens criadas nesse percurso, ou seja, não há caminho, o caminho se faz ao andar.

2 METODOLOGIA

Esse trabalho fundamenta-se numa pesquisa bibliográfica realizada a partir de estudos de autores que explicitam os fundamentos da metodologia cartográfica e os modos pelos quais têm se efetivado as práticas investigativas no uso dessa ferramenta.

Trago aqui o relato dessas práticas cartográficas nas quais tenho mapeado o território das experimentações vivenciadas na comunidade do Assentamento Conquista da Fronteira. Essa pesquisa é criada com a interação no contexto pesquisado, onde busco compreender os movimentos e discursos que desenham a trama dos processos educacionais produzidos na vida comunitária e escolar daquele lugar.

Traço o mapa da pesquisa cruzando linhas desenhadas pelas experiências na vida comunitária cotidiana das famílias que habitam o Assentamento com linhas criadas a partir dos relatos de dois jovens sobre seus processos de educação formal, no sentido de estabelecer possíveis redes de conexões, desvios, rupturas que afetam a produção de subjetividades singulares.

Logo, o campo empírico da pesquisa se produz "[...] pelo estar junto e participar daquilo que acontece naquela comunidade, para conhecer com a cognição ampliada, isto é,

aberta ao plano dos afetos" (BARROS; KASTRUP In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 61).

As experiências vivenciadas na vida comunitária e nas interações com os sujeitos produzem mutuamente os territórios e os personagens da pesquisa. Assim: "As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem." (ALVAREZ; PASSOS In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.134).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A cartografia atesta o princípio rizomático do pensamento:

> Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentariedade, de estratificação, como dimensões, mas também de linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se matamorfoseia, mudando de natureza. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 43)

Como cartógrafa, busco mergulhar nas experiências da vida comunitária do Assentamento Conquista da Fronteira, constituir territórios de olhares, escutas e vivências que irão além de uma simples análise de histórias observadas de fora. Experimentar com os sujeitos os fazeres do cotidiano e acompanhar os efeitos dessas experiências nos modos como se criam singularidades. Provar dos sabores do leite ao pão com mel, deixando penetrar nas narinas esses múltiplos aromas: o cheiro do pão de forno, do leite recém tirado, do perfume dos jasmins da primavera que florescem em todas as estações, dando sabor aos dias fazendo-os mais floridos. Sabores, cheiros, imagens, canções que atravessam os sentidos e agem como forças inspiradoras para fazer o traçado desse mapa de experiências que "[...] direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência a experiência do saber. Eis aí o "caminho" metodológico" (PASSOS; BARROS In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 18).

Para registro das experiências faço uso do diário de campo, procurando elaborar a escrita das coisas lidas, ouvidas e pensadas, transformando essas anotações em dados da pesquisa. A cada visita à comunidade, as interações vivenciadas com os sujeitos/personagens serão transformadas em relatos regulares que contenham a descrição das experiências como um retorno â elas, às impressões e os efeitos produzidos.

> [...] para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência. Há uma processualidade na própria escrita. Um processo aparentemente individual ganha uma dimensão claramente coletiva quando o texto traz à cena falas e diálogos que emergem nas sessões ou visitas ao campo. [...] A multiplicidade de vozes, onde participantes e autores de textos teóricos entram em agenciamento coletivo de enunciação (BARROS; KASTRUP In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 71).

Os dados da pesquisa também são produzidos através de registros fotográficos: a vida sendo desenhada em imagens e mensagens através do olhar que eu pesquisadora atravessada pelas experiências lanço na tentativa de trazer nesses recortes elementos que constituirão as paisagens existenciais. Com isso, pretendo recriar momentos vivenciados e expressar a leitura que me remete ao olhar produzido naquele instante de captura das imagens.

> Toda e qualquer imagem, incluindo a fotográfica, *reapresenta* um aspecto da realidade, recria algo que foi, o acontecimento que não volta mais [...] Ao reapresentar esse momento fugaz da vida, a fotografia o faz não pelo que foi, mas pelo que de realidade foi possível ou interessou a seu autor capturar e, nesse sentido, como imagem, recriar (ZANELLA, 2013, p. 84).

As anotações feitas no diário de campo e as fotografias funcionam como dispositivos que indicam linhas de visibilidade, enunciação, força e subjetivação sentidas, percebidas e ditas na análise dos dados. Quando me refiro a dispositivo, trago esse conceito da teoria

foucaultiana entendendo esses como elementos heterogêneos do dito e do não dito cuja função estratégica é oferecer um campo novo de racionalidade (CASTRO, 2016).

Deleuze (1992) retoma e modifica o conceito de dispositivo criando a ideia de linhas que combinam o visível e o dizível em dado momento histórico, sendo possível extrair dessas variações, enunciações, agenciamentos e subjetivações.

> O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não havendo nada antes dele, nada por debaixo dele [...] Um dispositivo comporta, ainda, linhas de força. Aqui se destaca a dimensão do poder-saber. Essas linhas levam as palavras e as coisas à luta incessante por sua afirmação. Elas operam "no vai-e-vem do ver ao dizer e inversamente, ativo como as flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras sem cessar de levá-las à batalha" (Deleuze, 1990). Essas linhas passam por todos os pontos do dispositivo e nos levam a estar em *meio* a elas o tempo todo. Mas, um dispositivo também é composto de linhas de subjetivação, linhas que inventam modos de existir (KASTRUP; BARROS In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 78).

Lançando mão desses dispositivos, anotações e fotografias, busco desenvolver a análise por meio da transversalização como propõe Guattari (apud: PASSOS; BARROS In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 26):

> Fazer análise é, cada vez mais, o trabalho de desestabilização do que se apresenta tendo a unidade de uma forma ou de um campo: o instituído, o indivíduo, o social. Do uno ao coletivo, esta é a direção da análise. Direção a quê? Não ao agrupamento, ao conjunto de indivíduos nem à unidade do diverso, mas ao coletivo como dinâmica de contágio em um plano hiperconectivo ou de máxima comunicação.

Na busca de romper com a linha de análise que percebe os movimentos sociais, entre eles o MST, como majoritário e representado numa linha de verticalização que incide sobre os diversos agrupamentos e comunidades assentadas representadas numa linha de horizontalidade, penso que a transversalização permite operar com uma análise que prioriza a diferenciação ou devir minoritário das experiências existenciais dos sujeitos que habitam o espaço singular do Assentamento Conquista da Fronteira.

Logo, não se trata de confrontar o majoritário com o minoritário, como se fossem espaços e modos históricos fechados e unitários, mas de olhar sob a perspectiva transversal dos processos pelos quais se produzem esses acontecimentos no cotidiano dos sujeitos que podem ser afetados por esses discursos e, ao mesmo tempo, podem desviarem-se deles, criando suas próprias perspectivas de existência.

Para tanto, recorro as narrativas produzidas pelos sujeitos que participam da pesquisa registradas no diário de campo e leituras das imagens fotográficas, operando a desmontagem do que é narrado, o que implica na desterritorialização dos acontecimentos registrados e no entendimento de que "[...] o caso individual é índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como *ethos* político, com ramificações do caso individual no plano imediatamente político" (PASSOS; BARROS In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 167).

Portanto, as narrativas se constituem por agenciamentos de enunciação, ou seja, remetem ao coletivo como plano no qual o dito e o vivido de forma singular não pertence ao sujeito individualmente, mas são criados mediante fluxos múltiplos que produzem os discursos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que o percurso investigativo que estou traçando na pesquisa traz à tona sentimentos que me envolviam muito antes do seu nascimento. Penso que minha escrita esteja se delineando num processo de inúmeros atravessamentos. Não teve um começo, ou melhor, o seu começo é no meio de um percurso que se faz na trajetória, cabendo a mim contar com a

inspiração para organizar a performance de uma escrita que pede rigor e qualidade, não pela exatidão de representação de uma realidade da qual estaria isenta, mas a rigorosidade surge no comprometimento que sinto ao estar implicada na produção dos territórios criados pelo estradear da pesquisa.

Enfim, assumo uma atitude e o compromisso de acompanhar e expressar os modos como se processam mudanças subjetivas no próprio ato de cartografar as experiências vividas com os sujeitos da pesquisa. O caminhar é movido pelo desejo de produzir devires constituídos no pensar, sentir e deixar-me afetar pelas experiências.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, 131-149.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016. 477 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 1ª ed, São Paulo: Ed. 34, 1992. 226 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2ª ed. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011. 128 p.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, p.76-91.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009. 207 p.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever:** inquietações metodológicas. Porto Alegre, RS: Sulina Ed. UFRGS, 2013. 183 p.